



UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VITOR RAFAEL DE OLIVEIRA DANTAS

**PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS SOBRE A TRANSEXUALIDADE: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Juazeiro do Norte
2019

VITOR RAFAEL DE OLIVEIRA DANTAS

**PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS SOBRE A TRANSEXUALIDADE: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Francisco Francinete Leite Júnior

Juazeiro do Norte
2019

PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS SOBRE A TRANSEXUALIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Vitor Rafael de Oliveira Dantas¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

O presente estudo apresenta as contribuições de autores psicanalistas acerca da transexualidade. Para compreender de que forma a teoria psicanalítica colabora com o entendimento da transexualidade, realizou-se uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, usando os descritores “psicanálise” e “transexualidade” nas plataformas Periódicos CAPES e PePsic, além disso, utilizou-se livros que contemplavam o assunto tratado na pesquisa. A princípio, foi elucidado sobre os temas sexualidade e gênero a partir de Freud e algumas modificações realizadas na teoria por outros autores. Posteriormente, a afirmação freudiana “a anatomia é o destino” foi analisada através da concepção de diversos autores, que ressignificaram tal afirmativa. Por fim, foi abordado a contribuição de teóricos psicanalistas sobre o entendimento do sujeito transexual e sua estruturação. Portanto, não há um consenso sobre a qual estrutura pertence o transexual, sendo atribuído as estruturas neurótica, perversa e psicótica ao longo das obras consultadas. Sobre as demandas de alteração corporais, atribui-se a uma tentativa de lidar com a angústia estruturante do sujeito, quando também da tentativa de estruturar-se enquanto sujeito.

Palavras chave: Transexualidade. Psicanálise. Sexualidade. Gênero.

ABSTRACT

The present study presents the contributions of psychoanalysts authors about transsexuality. To understand how psychoanalytic theory collaborates with the understanding of transsexuality, an exploratory bibliographic review was performed, using the descriptors “psychoanalysis” and “transsexuality” in the “Periódicos CAPES” and “PePsic” platforms. In addition, we used books that contemplated the subject dealt with in the research. At first it was elucidated on the themes sexuality and gender from Freud and some modifications made in his theory by other authors. Subsequently, the Freudian statement “anatomy is destiny” was analyzed through the conception of several authors who re-signified this statement. Finally, the theoretical contribution of psychoanalyst theorists about the understanding of the transsexual subject and its structure was addressed. Therefore, there is no consensus on which structure the transsexual belongs to, being attributed the neurotic, perverse and psychotic structures throughout the consultative works. On the demands of bodily alteration, it is attributed to an attempt to deal with the structuring anguish of the subject, but also trying to structure itself as a subject.

Keywords: Transsexuality. Psychoanalysis. Sexuality. Gender.

1 INTRODUÇÃO

A transexualidade é um tema que tem ganhado visibilidade no mundo, na internet e gerado interesse em pesquisas acadêmicas. Junto dessa visibilidade que possibilita o esclarecimento sobre preconceitos a respeito do tema, uma parcela conservadora da sociedade resiste de maneira a realizar uma manutenção de preconceitos sem fundamentos a respeito do

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: vrafaeldantas@gmail.com

² Psicólogo, Mestre em Psicologia UNIFOR, doutorando em Psicologia Clínica UNICAP e docente da UNILEÃO. E-mail: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

assunto. No Brasil, apesar de ter ganhado espaço em discussões, é um tema que ainda sofre de grande tabu e intolerância, principalmente por grande parte dessa parcela conservadora da sociedade no país, além de ser o Brasil o país em que mais ocorre mortes por transfobia no mundo (TGEU, 2016). É um tema que precisa ser discutido, de forma a desconstruir os tabus que ainda o envolvem. A transexualidade é definida pelo CID-11 (2019, tradução nossa) como sendo uma incongruência entre o gênero individual experienciado e o sexo de nascimento, o que leva a um desejo de transicionar, de maneira a viver e ser aceito como uma pessoa do gênero experienciado, através de tratamento hormonal, cirúrgico, ou outra maneira de ajustar o corpo, tanto quanto desejado e na medida do possível com o gênero experienciado.

A presente pesquisa se propõe a compreender sobre o tema a partir da teoria psicanalítica por ser a teoria que escolhi para embasar minha atuação profissional e, enquanto psicólogo, é eticamente indispensável estar fundamentado teoricamente na sua atuação. Da perspectiva acadêmica, discutir o tema dentro da universidade é fundamental para entender como a psicanálise, com a relevância que atribui a sexualidade, entende a estruturação do sujeito transexual. Além de levantar o debate acadêmico sobre a necessidade de introduzir a transexualidade no campo da psicanálise. Do ponto de vista social, é fundamental ter conhecimento sobre o tema, já que cabe ao psicólogo acolher esse sujeito. Para isso, o profissional deve fundamentar sua intervenção em uma teoria psicológica, seja ao recebê-lo para auxiliar na elaboração de documentos que auxiliem a alteração de nome em registros civis, seja durante o acompanhamento psicoterapêutico, oferecendo um lugar de acolhimento e escuta qualificado. Dessa forma, irá trabalhar com seus sofrimentos e demandas, para auxiliar na tomada de decisão quanto a alteração na genitália, ou até mesmo indiretamente, durante atendimento com seus familiares. Também em contexto laboral, garantindo mais que a inclusão, mas a permanência desses sujeitos no mercado de trabalho, além de atendê-los através das políticas públicas, na tentativa de assegurar que os direitos e a dignidade desse sujeito sejam respeitados.

Diante do questionamento de qual seria a contribuição da teoria psicanalítica para a compreensão da transexualidade, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a compreensão de autores cuja obra se baseiam na teoria psicanalítica acerca da sexualidade e do gênero. A partir disso, entender como o sujeito formula a sua identidade sexual. E, por fim, investigar onde os autores psicanalistas atribuem a posição do sujeito transexual a partir das estruturas psíquicas, compreender o que a teoria psicanalítica tem a acrescentar sobre as mudanças corporais demandadas pelos sujeitos transexuais na tentativa de adequação do corpo.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O trabalho foi construído a partir de uma revisão de literatura de natureza exploratória. A revisão de literatura baseia-se na elaboração de uma análise vasta da bibliografia publicada, tendo como objetivo o entendimento sobre um tema específico, baseando-se em estudos anteriores (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO, 2017).

Após a definição do tema e do questionamento norteador, foi realizada uma pesquisa nas plataformas de publicação Periódicos CAPES e PePsic, usando os descritores “psicanálise” e transexualidade”, onde na primeira plataforma foram localizados 43 resultados e na segunda, 8 resultados, totalizando assim 51 resultados. A pesquisa foi realizada no mês de setembro de 2019.

Uma vez com os artigos e publicações localizados, foi usado como critério de inclusão aqueles com idioma em português, que traziam informações sobre teóricos relevantes da psicanálise que possuem alguma publicação sobre o tema transexualidade. Foi realizada a leitura do resumo das publicações e palavras-chave e excluídos aqueles resultados que não condiziam com as necessidades da pesquisa, não respondendo à questão norteadora. Outro critério de exclusão foram estudos de caso ou publicações que não possuíam referencial voltado para a psicanálise. Após a aplicação dos critérios de exclusão, restaram oito artigos.

Além disso, foi realizado busca em livros publicados por autores relevantes com referencial psicanalítico. Ao final, foi realizada a leitura dos artigos e livros selecionados, construída uma síntese acerca das colaborações apresentadas nas obras.

3 SEXUALIDADE, GÊNERO E PSICANÁLISE

A sexualidade é um tema central dentro da teoria psicanalítica, servindo de ponto de partida para o entendimento de conceitos fundamentais. Freud, em 1905, na sua publicação *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* apresenta uma nova perspectiva sobre a maneira como a sexualidade se manifesta no ser humano, para isso fazendo uma análise a partir dos sujeitos invertidos³, ou seja, aqueles que não se relacionam de acordo com a norma heterossexual, mas mantendo relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Na obra, o autor analisa a sexualidade

³ - Freud usa o termo “invertido” na sua obra *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* tomando como base a teoria popular de que todo ser humano teria sua metade, homem e mulher, que se uniriam através do amor. No entanto, alguns sujeitos possuem interesse sexual por pessoas do mesmo sexo, tendo assim um desvio com relação ao seu objeto sexual.

não a partir da função dita normal, a reprodução, mas daquilo que desvia desse objetivo biológico (CECCARELLI, 2017). Ao reduzir a sexualidade apenas ao sentido reprodutivo, exclui-se diversas coisas que são inegavelmente de sentido sexual, como o beijo e a masturbação (FREUD, 1916/2014).

Adentrando no campo das perversões, Freud (1905/2016) mostra que a não normatividade da sexualidade não é algo exclusivo dos ditos “invertidos”. Não só os homossexuais, mas todos os seres humanos possuem em maior ou menor grau interesse por desvios dessas normas, onde o “objeto sexual normal é substituído por outro que guarda relação com ele, mas é totalmente inapropriado para servir à meta sexual” (p. 45). Freud afirma ainda que o ato sexual “apenas em raríssimas vezes se limita aos genitais, mas se estende a todo o corpo” (p. 42). A partir desse texto, houve o que Jorge e Travassos (2017) colocam como constatação da universalidade das perversões sexuais.

Freud (1917/2010) afirma que os neuróticos apresentam “sintomas que constituem satisfações substantivas de caráter sexual”, que se apresentam através de vias perversas. Como exemplo, cita a sintomatologia da histeria que atribui a órgãos outros que não os genitais uma importância sexual, erógena e ainda a neurose obsessiva, já que seus quadros sintomáticos são provocados por uma pressão dos impulsos sexuais sádicos, ou seja, perversos em sua meta (FREUD, 1916/2014). Em cima dessa análise, Freud afirma que, se existem sintomas de ordem perversa em pessoas normais, é porque eles se encontram latentes nestas. Sobre a origem dessas tendências latentes, a partir do relato de seus pacientes na clínica, surge a ideia de que:

todas as tendências a perversões têm raiz na infância, de que as crianças possuem predisposição para elas e as praticam, na proporção de sua imaturidade; (...) a sexualidade perversa nada mais é que a sexualidade infantil magnificada e decomposta em seus impulsos separados (FREUD, 1916/2014, p. 428).

Freud afirma que a sexualidade, ao contrário do que se pensava na época, não aparece nos sujeitos apenas a partir na puberdade, mas é algo que já existe desde o nascimento. Porém, ela ainda não se apresenta enquanto dirigida a um objeto externo, mas a criança age de maneira autoerótica, buscando prazer no seu próprio corpo. Somente após atravessar as fases do desenvolvimento sexual – oral, anal, fálica e genital – é que o sujeito estaria desenvolvido para a sexualidade enquanto a união de genitais (FREUD, 1916/2014)

Freud introduz o conceito de pulsão como sendo “um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico” (p. 67). A pulsão, movida por uma energia psíquica sexual, uma força que o Eu investe nos objetos de seus interesses sexuais denominada libido (FREUD, 1916/2014), diferencia a sexualidade humana da de qualquer outro animal. Enquanto os animais têm o

instinto como base para a prática sexual em períodos de cio, a sexualidade humana é atravessada pela linguagem. A pulsão é um instinto que se desvirtua da sua meta (ROZA, 1998). Portanto, não tem um objeto fixo, mas sim um objetivo, a satisfação. Jorge (2017) afirma que a sexualidade humana é pulsional, atravessada por a linguagem, influenciada por a energia libidinal, enquanto o sexo no animal é cíclico, voltado para a reprodução. Para o ser humano, a sexualidade não é sinônimo de genitália, se revelando em atividades aparentemente desprovidas de cunho sexual, como a leitura, esportes, a função excretora, etc. A sexualidade é constituída de maneira singular em cada sujeito e determinada por processos inconscientes (TRAVASSOS, JORGE, 2017).

Como destacado por Ceccarelli (2010), não se nota em Freud o uso do termo gênero, uma vez que em alemão uma só palavra serve para referir-se a sexo e a gênero ao mesmo tempo: *geschlecht*. Sobre a diferença sexual, Freud (1923/2018) afirma que durante as fases de desenvolvimento pré-genital não existe uma diferença entre masculino e feminino, mas uma oposição entre ativo e passivo. Na fase fálica, existe apenas o masculino, uma vez que a diferença dos sexos é entendida pela criança como quem possui o falo e quem é castrado. Através do complexo de castração poderia haver uma continuidade dessa masculinidade no caso do menino, que precisa abrir mão do seu objeto de amor ou, no caso da menina, uma superação da inveja do pênis e do complexo de masculinidade, o que a encaminharia para uma feminilidade (FREUD, 1925/2018). Apenas na puberdade, quando a criança chega ao final do desenvolvimento sexual, é que haveria uma distinção entre masculino e feminino. Além disso, o autor ainda firma que, devido à natureza bissexual do ser humano, homens e mulheres possuem características tanto femininas como masculinas, o que torna a masculinidade e a feminidade pura algo incerto (FREUD, 1925/2018).

Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista, dedicou-se a construir uma visão não patologizante das perversões e da transexualidade (JORGE, TRAVASSOS, 2017). Como descrito por Cossi (2018), a pesquisa realizada por Stoller estava voltada para o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade. Em 1968, fez sua primeira pesquisa voltada para a constituição da identidade sexual apontando gênero enquanto construção cultural.

Para o autor, era necessário diferenciar de maneira crucial o sexo orgânico, ligado a genética e anatomia, da identidade sexual, socialmente entendida como gênero, que estaria ligada a construções culturais sem ligação com o aspecto biológico. Dessa forma, “sexo e gênero não andam necessariamente lado a lado; um pode se desenvolver a despeito do outro” (p. 32). Como aponta Ceccarelli (2010), o sexo em Stoller estaria ligado ao biológico e o gênero

ao psíquico, onde “o gênero prima sobre o psíquico” (p. 271). Assim, o sexo - homem ou uma mulher - deve se apropriar de um gênero, feminino ou do masculino (CECCARELLI, 2010). Portanto, a sexualidade humana não é definida de maneira biológica, mas baseia-se na história do sujeito a partir de suas relações objetais, tendo as forças biológicas caráter secundário na construção dessa identidade. (STOLLER, 2015 *apud* KOSOVSKI, 2016)

Para o Stoller (1993 *apud* COSSI, 2018), a sexualidade estaria vinculada a uma identificação inicial com a figura materna, que aconteceria num período pré-edípico, onde mãe e criança estariam fundidas. Dessa forma, não havendo diferença entre mãe e filho. A criança do sexo masculino, portanto, teria que superar a feminilidade que sua relação com a mãe implicaria sob ele próprio para formular o núcleo da sua identidade de gênero. A feminilidade seria então uma característica primária da criança, independentemente de seu sexo biológico. Na teoria stolleriana, a construção da identidade de gênero é um processo que se desenvolve até a adolescência, mas o seu núcleo é definido precocemente, antes da fase fálica identificada por Freud. Por volta do segundo ano de vida, a criança já deve ter consciência de seu sexo, se é homem ou mulher. A constituição desse núcleo da identidade de gênero está ligada a três fatores: o primeiro diz respeito à relação com os pais, que irão definir um comportamento para o filho de acordo com sua genitália. A segunda estaria ligada ao órgão sexual e as sensações e percepções que ele passa à criança. A terceira seriam as forças biológicas que atuam sobre a criança.

Ceccarelli (2010) aponta que existe um conflito entre os estudiosos da psicanálise atualmente sobre a questão de gênero dentro dessa teoria. Para alguns autores, não haveria uma forte influência social sobre a construção do Eu, uma vez que cada sujeito é singular e se estrutura inconscientemente de maneira única, independente do social. Já outros autores, partem da lógica freudiana de que toda psicologia individual é também social. O autor ainda acrescenta que atualmente o que leva uma criança a se identificar enquanto menino ou menina é resultado de um processo que começa ainda na gestação e está fortemente influenciado por seus cuidadores, que irão agir com a criança de acordo com o genital que esta possui, atribuindo assim uma identidade de acordo com seu gênero. O discurso dos pais irá operar sobre a criança, discurso marcado por suas crenças, fantasmas e por um desejo, que lhe marcará enquanto menino ou menina e que será reafirmado durante sua vida. Socialmente a criança será introduzida numa relação simbólica que espera que esta siga determinadas condutas e regras, “sem nenhuma relação com uma suposta ‘natureza’ masculina ou feminina em relação direta com a anatomia” (p. 275).

4 A ANATOMIA É O DESTINO?

Quando o sujeito é questionado sobre seu gênero, é comum que se parta do binarismo masculino/feminino para responder o questionamento sobre a identidade sexual. Enquanto sujeitos neuróticos, constrói-se uma imagem daquilo que julga-se ser homem ou ser mulher com base naquilo que é aprendido a respeito dessa identidade, tomando como referência a anatomia. Na teoria freudiana, a anatomia é usada como tentativa de definir o destino da sexualidade infantil a partir do complexo de Édipo. A identidade sexual aparece marcada fortemente por a ordem fálica (POLI, 2007). Na perspectiva Freudiana, “a constatação proprioceptiva – visual, sobretudo – da presença ou ausência do pênis seria o marco referencial para a assunção de uma posição subjetiva nas várias instâncias da vida” (POLI, 2007, p. 5).

Freud (1924/2018) afirma que, durante o desenvolvimento sexual da criança, este avança até uma fase em que o genital masculino assume uma posição principal. Por outro lado, o genital feminino “permanece não descoberto” (p. 248). Esse momento é a fase fálica, simultânea na infância ao complexo de Édipo. Nessa fase do desenvolvimento da sexualidade infantil, segundo o autor, as crianças desconhecem o órgão sexual feminino. A genitalidade infantil opera sobre a égide do falo, isto é, a teoria que atribui um único genital, o masculino, para ambos os sexos” (POLI, 2007, p. 10). Nessa fase, a diferença está entre o fálico e o castrado, seja no complexo de Édipo feminino ou masculino. A criança estaria assim criando uma teoria para tentar dar de conta da diferença sexual percebida no corpo, mas na qual não há registro no aparelho psíquico (JORGE, TRAVASSOS, 2018).

O complexo de Édipo (POLI, 2007), assim como no menino, também é um momento importante na estruturação psíquica da menina, mas a forma de lidar com o complexo de castração é diferente, uma vez que ela já é castrada. O complexo de Édipo no menino sucumbe a partir da ameaça de castração, fazendo-o abrir mão dos objetos parentais, em conflito com o investimento libidinal sob o órgão fálico. Já na menina, há uma não aceitação num primeiro momento da sua castração e crença de que possuiria “um genital grande e completo e, portanto, masculino” (p. 253). Ao abrir mão do desejo de possuir um pênis, desliza esse desejo e passa a desejar possuir um filho do seu pai. Porém o desejo de possuir um pênis e um bebê “permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual” (p. 253).

Em 1924, Freud usa a frase “a anatomia é o destino” (p. 252) para se referir a distinções no desenvolvimento infantil da sexualidade a partir da diferença morfológica existente entre os gêneros masculino e feminino. Para o menino, no desfecho do complexo “a organização genital

fálica da criança parece por uma ameaça de castração” (FREUD, 1924/2018, p. 249), que irá resultar no abandono do investimento libidinal dos objetos. Há, a partir desse momento, uma identificação com a figura paterna, cuja autoridade é introduzida no Eu, formando a instância do Supereu. Por fim, os “anseios libidinais referentes ao complexo serão dessexualizados e sublimados, entrando a criança num período de latência do seu desenvolvimento sexual (FREUD, 1924/2018).

Já a menina entra no complexo de Édipo a partir do complexo de castração. Num primeiro momento há a identificação do clitóris com o pênis, porém o autor afirma que ao notar a sua desvantagem com relação ao tamanho do órgão do coleguinha menino, irá se sentir injustiçada e com um sentimento de inferioridade. Na esperança de que um órgão genital cresça tão grande quanto o do menino, a menina entra então no complexo de masculinidade (FREUD, 1924). Esse complexo “trará grandes dificuldades ao desenvolvimento predeterminado da feminilidade, caso a mulher não possa logo superá-lo” (FREUD, 1925/2018, p. 264). Ao reconhecer que não pode competir com o menino, havendo o reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, a menina afasta-se da masculinidade, desdobrando-se para a feminilidade (FREUD, 1925/2018).

Dessa forma, enquanto o menino abandona o complexo de Édipo através do complexo de castração, a menina entra no complexo a partir do complexo de castração. Esse complexo trabalha “limitando e inibindo a masculinidade e promovendo a feminilidade em cada caso” (FREUD, 1925/2018, p. 269). Essa diferença é resultado da anatomia distinta entre ambos os sexos e da situação psíquica ligada a esta, havendo a distinção entre a castração de fato e a ameaça apenas desta castração (FREUD, 1925/2018). Segundo Jorge e Travassos (2018) afirmam que o que Freud fez ao afirmar que a anatomia é o destino, foi na verdade uma “analogia com o corpo que permite compreender a superfície corporal como a fonte e o destino da satisfação corporal (p. 33).

Freud (1931/2018) afirma que a bissexualidade aparece mais nitidamente na mulher, já que esta, diferente do homem, possui duas zonas sexuais orientadoras: a vagina, de aspecto feminino, e o clitóris, análogo ao órgão masculino. Uma vez que durante a infância a sexualidade da mulher se desenvolve a partir do clitóris, sua vida sexual divide-se em uma fase de caráter masculino e outra fase de caráter feminino. Além disso, diferente do menino que teme a ameaça de castração, a mulher compreende que já é castrada e se revolta contra isso. Com isso, no desenvolvimento desta o autor apresenta três orientações: na primeira, a mulher desiste de comparar-se com o menino e abre mão tanto da sua sexualidade como da sua masculinidade. Na segunda, a esperança de possuir um pênis se estende até uma fase tardia da

sua vida e, dessa forma, o complexo de masculinidade da mulher pode levar a uma escolha homossexual. Na terceira, dita a “normal configuração feminina”, a mulher toma o seu pai enquanto objeto de desejo. Essa troca de objeto, que passa da mãe para o pai, é o que constitui a sua feminidade.

Freud (1924/2018, 1925/2018), contesta a reivindicação das feministas sobre a igualdade dos sexos, afirmando que ela “não nos leva muito longe” (p. 252), pois a diferença morfológica resulta em distinções no desenvolvimento psíquico e acrescenta ainda:

todos os indivíduos humanos, em razão da sua constituição bissexual e de herança cruzada, reúnem em si características masculinas e femininas, de maneira que a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto (p.271)

Poli (2007) explica que a partir das contribuições de Lacan para a psicanálise, “compreende-se que o falo é um atributo de valor que é construído e que circula em uma dada estrutura organizada por funções: a função materna e paterna como suportes psíquicos necessários a construção do sujeito” (p. 36). Nesse sentido, a atribuição fálica no complexo de Édipo ganha um novo sentido: A criança, enquanto falo materno, confunde-se com o corpo da mãe e é alienada ao seu desejo. Em seguida, o pai opera um corte na relação mãe-bebê, destituindo a criança de seu lugar fálico e operando também sobre a referência materna. Dessa forma, o falo se desloca, não pertencendo nem ao pai, nem a mãe, independentemente do sexo do filho. O falo está e é encarnado pelo pai, que é desejado por a mãe. Enfim, o falo passa do estatuto imaginário ao falo simbólico. Ele deixa de ser uma insígnia confundida com seu portador para ser o significante da falta. A autora ainda complementa que:

a diferença sexual anatômica deixa de ser tão fundamental como em alguns momentos se vislumbra no texto freudiano. A anatomia é o suporte imaginário presente na fantasia, mas que não se deve confundir com o estatuto simbólica das funções e das posições de desejo em relação ao significante fálico (p. 36).

Elias (2008) afirma que “tanto a virilidade quanto a feminilidade depende muito mais da função fálica do que do órgão que o representa. A castração é o que permitirá a sexuação, a diferenciação entre os sexos, e situará a partir daí sua eleição de objeto sexual” (p. 5).

Cossi (2010) fazendo uma leitura da teoria lacaniana, explica como o sexo masculino e feminino são reconhecidos e diferenciados no inconsciente a partir de um conceito introduzido por Lacan: a sexuação. “Sua teoria tenta esvaziar o caráter universal do falo, submetendo a sexualidade à dimensão da contingência” (p. 79). Contrapondo o desejo constituinte do sujeito,

é introduzido o conceito de gozo. A função fálica tem grande importância na estruturação masculina e feminina, mas não suficiente. Dessa forma, “a diferença sexual é da ordem do real, ou seja, são modalidades de gozo masculino e feminino que determinam a posição sexuada do sujeito” (p. 80).

Lacan *apud* Cossi (2010) especifica a diferença entre o gozo feminino e masculino, que não tem relação com as diferenças biológicas. Ao falar do gozo masculino, o autor afirma que todo homem está submetido a ordem fálica. São homens aqueles que “independente da sua anatomia ou constituição genética, são totalmente determinados pela função fálica e dela deriva seu gozo” (p. 80). A lei fálica sugere uma perda. Dessa forma, a masculinidade é marcada por uma não completude e a tentativa de reabsorver esse fragmento de gozo. Já na mulher, não há o universal como nos homens, “a feminilidade não é marcada por sua incompletude, mas por sua inconsistência” (p. 81). Ela está inserida na função fálica, mas não só dela faz parte, há algo a mais, existe um Outro gozo. Dunker *apud* Cossi,(2004) complementa:

derruba-se a concepção universalista da sexualidade. Por outro lado, não há falocentrismo; não porque o falo não esteja presente, mas porque ele não está mais no centro e nem funciona como operador para pensar toda a sexualidade. Não há A sexualidade, mas sexualidades (p. 125).

Dessa forma, “há um avanço na concepção lacaniana da sexualidade onde o falo não é mais o único organizador das práticas de gozo” (COSSI, 2010, p. 81).

5 PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS SOBRE A TRANSEXUALIDADE

Sobre as contribuições do psicanalista Robert Stoller, os autores Jorge e Travassos (2018) explicam que ele foi o primeiro psicanalista a se dedicar ao estudo de gênero, na tentativa de fazer uma leitura não patologizante das perversões e da transexualidade. Para o autor, no caso dos transexuais masculinos, mais do que a demanda de intervenção cirúrgica, o transexual se definia por acreditar ser uma mulher presa no corpo de um homem. Seus estudos identificaram a formação da identidade do que seria ser masculino ou feminino de maneira muito forte nos transexuais.

Stoller *apud* Yoshida, Sousa e Cordeiro (2001) afirma que existe uma formação familiar específica que produz o sujeito transexual masculino. Aponta assim quatro fatores específicos para que este pudesse se estruturar dessa maneira. São eles: “mãe bissexual; pai ausente física e psicologicamente; um longo período de união ininterrupto entre mãe e filho e a beleza especial do menino” (p. 95). Para o autor, a mãe do sujeito transexual masculino não teve uma

feminilidade desenvolvida e possui grande inveja do pênis. Existiria ainda uma espécie de relação não traumática e simbiótica entre a mãe o filho, alinhada a ausência paterna que não possibilitaria uma identificação com o pai, não havendo então um desenvolvimento da masculinidade. Havendo assim uma relação simbiótica com sua mãe e não havendo uma superação da feminilidade inicial teorizada por Stoller, não existiria conflito edipiano, logo, sem rivalização do menino com a figura paterna, onde este segue como sendo uma extensão da sua mãe. Como Stoller considera que núcleo de identidade de gênero é formado antes do período edípico, descarta a possibilidade de tratar-se de um caso de neurose ou perversão. Sobre a hipótese de tratar-se de psicose, também a descartar pois, na sua concepção, a crença de pertencer ao outro gênero que não o do seu nascimento seria uma ilusão a qual a criança foi levada a acreditar e não um delírio (JORGE, TRAVASSOS, 2018).

Esse afastamento é criticado por Lacan (1971/2009), que chega a referir-se ao trabalho de Stoller e aos casos clínicos apresentados nos seu livro *Sex and Gender*, afirmando que “uma das coisas mais surpreendentes [na análise de Stoller] é que a face psicótica desses casos é completamente eludida pelo autor, [...] já que nunca lhe chegou aos ouvidos a forclusão lacaniana, que explica prontamente e com muita facilidade a forma desses casos” (p. 30). Partindo dessa ideia, utilizando o conceito lacaniano de Nome-do-Pai e sua forclusão, alguns autores como Dor (1991) e Safouan (1977) fazendo uso desse conceito para formular uma análise sobre a transexualidade e assim, para explicá-la, distanciam-se e criticam a teoria de Stoller.

O autor Moustapha Safouan (1977, tradução nossa) dedica-se ao tema da transexualidade fazendo uso de conceitos lacanianos, realizando uma leitura do caso clínico de três crianças apresentadas por Stoller no livro *Sex and Gender*. Diferencia o transexual do neurótico, afirmando que “um [o neurótico] quer manter o seu pênis, já o outro [o transexual] quer se livrar dele” (p. 86, tradução nossa)⁴. Para o autor, o transexual não interpreta ser uma mulher, ele acredita que é a mulher, assim como para Dor (1991) o transexual possui uma certeza delirante de ser uma mulher. Para Safouan (1977), esse sujeito reconhece apenas um outro, sua própria mãe e, posteriormente, o cirurgião, a quem dirige a demanda de corrigir o seu corpo. Chama de insuficiente a tentativa de Stoller de teorizar os três casos clínicos apresentados no livro sem fazer menção ao Nome-do-Pai, mecanismo de defesa ligado à estrutura psicótica, o que o levou a considerar a análise realizada por Stoller como falha.

⁴ Uno quiere conservar su pene, el otro desembarazarse de él.

Outro autor que irá fazer uma análise da transexualidade a partir da perspectiva lacaniana da psicanálise é Dor (1991), que situa a transexualidade numa linha divisória entre as perversões e as psicoses, ao considerar o destino da lógica fálica. Em uma primeira avaliação, como deixa claro o autor, situa o transexual masculino, ou seja, que nasce com a genitália masculina, nas vertentes dos processos psicóticos, já o transexual feminino, nos processos perversos. Sobre essa transexualidade feminina, Dor (1991) discorda da hipótese de Stoller de que haveria uma relação simbiótica precoce com o pai, mas afirma que existe uma confusão resultada da incapacidade de reconhecer que o significante fálico não se reduz ao órgão genital. Por conta dessa ambiguidade, presa à inveja do pênis, numa reivindicação fálica, quer provar ao seu pai ser um homem autêntico. Não consegue assim desprender-se da necessidade fálica do ter, que o autor relaciona a transexual feminina a estrutura perversa.

Além de Safouan (1977), que situa o transexual a partir da forclusão do Nome-do-Pai e Dor (1991), que levanta a hipótese de psicose e perversão, Jorge e Travassos (2018) consideram a possibilidade de que se produza também em sujeitos transexuais neuróticos. Destacam que principalmente em sujeitos transexuais histéricos existiram demandas de alteração corporal “dependendo da fixação em determinadas consistências imaginárias que, dentre outras possibilidades, podem advir da homofobia internalizada do próprio homossexual” (p. 97). Isso se daria numa tentativa de lidar com o sofrimento inconsciente de ter que aceitar sua orientação sexual onde, numa medida extrema, a transexualidade surgiria como forma de defesa para não ter que lidar com a sua própria homossexualidade.

Sobre a relação entre mãe e criança, para Safouan (1977, tradução nossa), discordando de Stoller, não trata-se de uma relação simbiótica, mas parasita por parte da mãe. Critica a relação que Stoller faz entre a identificação excessiva do menino com a mãe e feminilidade como causa da transexualidade, afirmando que existem transexuais não femininos, que identificar-se com a mãe não necessariamente implica ser feminino e que, se a identificação com a mãe tornasse alguém transexual, haveria um número muito mais expressivo de sujeitos transexuais no mundo.

Dor (1991) escreve a respeito da estruturação do sujeito transexual a partir da função fálica. O autor afirma que uma vez que a identificação sexual está ligada a esta função, a especificação anatômica dos sexos passa a ter um caráter necessariamente secundário. Não se pode falar da certeza quanto a identidade sexual, mas sim de uma ideia de pertencimento. É necessário considerar, por um lado, o real da identidade sexual e, de outro, a identidade sexual, que é resultado de uma elaboração psíquica desse real, ligada à simbolização da lei e à castração, logo, de sua relação com o falo. O autor, considerando a atribuição fálica e uma ambiguidade

fantasmática que o sujeito nutre na confusão entre o pênis e o falo, considera que, na transexualidade, essa ambiguidade se apresenta em um alto nível. Isso daria existência a uma “identidade sexual totalmente quimérica” (p. 166).

Sobre a relação do sujeito com o pai, Safouan (1977, tradução nossa) destaca que uma vez que o pai do transexual seria ausente durante sua infância, como acontece nos três casos clínicos apresentados por Stoller e analisados por Safouan, a reação dessas mães seria de apatia e indiferença a essa ausência. Isso se daria por uma aversão ao sexo oposto, a um nojo que essas mulheres sentiriam por o pênis. O único falo pelo qual se interessaria seria o pênis do seu próprio filho. Este sofreria as consequências de sua mãe ter o desejo desviado da ordem simbólica a qual a criança precisaria ser introduzida. É então que, completando a lacuna que Stoller deixou ao não fazer uso do conceito do Nome-do-Pai, destaca a não inscrição desse significante na criança, ficando à mercê do desejo materno. Se o neurótico abre mão do seu desejo para manter o falo, o transexual abre mão do falo numa tentativa de deixar espaço livre para o seu desejo. A sua tentativa de livrar-se do pênis, seria uma tentativa de tornar-se um sujeito desejante. Sem a castração no simbólico, busca uma castração no real. Tal ideia corrobora com a ideia de Dor (1991) quando afirma que uma vez que o neurótico cessa sua dúvida através da castração simbólica, o transexual masculino, cativo do real da sua anatomia sexual, recorre a uma castração cirúrgica. Dor (1991) afirma:

não tendo o transexual acesso ao significante fálico, a questão de sua identidade sexual permanece imperativamente ligada ao plano da anatomia. Ele é, portanto, cativo da dimensão do ser, de onde esta proximidade com os processos psicóticos. (p. 174)

Dor (1991) faz críticas às ideias de Stoller sobre a constituição do sujeito transexual masculino, afirmando que as ideias deste autor baseiam-se em ideias de “farsa ideológica e falso semblante”, criticando a sua concepção do que seria socialmente um comportamento masculino e feminino. Sobre a ideia de Stoller de que a identidade sexual seria adquirida num período anterior ao complexo de Édipo, Dor (1991) recusa as ideias de Stoller e afirma que o transexual masculino “não se encontra de modo algum subtraído aos imperativos da castração e da problemática fálica” (p. 173). Uma vez que o neurótico questiona-se “sou eu um homem/sou eu uma mulher?” (p. 173), não haveria no transexual masculino espaço para essa dúvida, nem para o questionamento do que seria uma mulher, aproximando-se assim de uma estrutura psicótica, no caso do transexual masculino.

Os autores Jorge e Travassos (2018) afirmam que com o desenvolvimento do ensino da psicanálise lacaniana, é possível abordar esse fenômeno através das “estruturas clínicas, tendo

como bússola a inscrição do significante do Nome-do-Pai; pelas fórmulas quânticas da sexuação (...), pela estrutura topológica do nó borromeano e pelo sinthoma” (p. 93). Usando como embasamento a teoria do estágio do espelho formulada por Lacan, onde a criança reconhece o seu corpo como uma unidade quando o vê refletido no espelho, experiência que precisa contar com o olhar confirmador de adulto, os autores afirmam que o registro do imaginário necessita do simbólico para sustentar-se que, sem isso, está fadado a “invasão do real” (p. 94). Com base nessas ideias, afirmam ser importante o questionamento se para o sujeito transexual a “cristalização do imaginário se produz como uma defesa extrema contra o esburacamento do real, o que é inapreensível pela linguagem e que o simbólico não foi capaz de circunscrever” (p. 95).

Usando a teoria lacaniana sobre os três registros psíquicos, os autores Jorge e Travassos (2018) fazem uma distinção entre o sujeito transgênero – sujeitos que não se identificam com seu gênero biológico, mas que não necessariamente demandam uma alteração anatômica, transitando assim através de vias simbólicas – com os sujeitos transexuais. Segundo os autores, “o transgênero quer adequar o real pelo imaginário e, assim, utiliza o simbólico” (p. 96), uma vez que os elementos usados para transitar de um gênero a outro podem ser revertidos, como maquiagens, roupas, ou próteses de silicone. Por outro lado, o sujeito transexual tenta fazer uma correção no registro do imaginário agindo através do “real do próprio corpo, cuja característica é a irreversibilidade” (p. 96). Nesse caso, se destacaria o efeito da foraclusão do simbólico, o que exigiria desse sujeito uma tentativa de intervir no real do corpo. Tal afirmação aproxima, mais uma vez, o sujeito transexual da estrutura psicótica. Porém, Ceccarelli (1998) destaca que é um erro acreditar que a origem do sentimento de disforia entre sexo anatômico e identidade de gênero seja o mesmo para todos os transexuais, pois os discursos que se assemelham encobrem processos inconscientes que são individuais e, por isso, singulares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme todas as contribuições expostas anteriormente, o presente estudo consegue, por fim, elucidar acerca das noções de sexualidade e gênero dentro de uma perspectiva psicanalítica, principalmente a partir das contribuições de Freud e Stoller. Os dados coletados mostram que a teoria psicanalítica não toma os desvios da sexualidade cisheteronormativa enquanto patologizantes e explicita a não normatividade da sexualidade em todos os seres humanos. Isso só é possível através do conceito freudiano de pulsão, que explicita o caráter plural da sexualidade humana.

Sobre o surgimento de uma identidade sexual nos sujeitos, as contribuições destacam sua etiologia, seja a partir da função fálica, assim como do núcleo de identidade de gênero, ficando evidente que esses processos estão fortemente ligados a vivências da infância, que reverberam no adulto. É importante notar como essa sexualidade é singular, a partir da relação da criança com seus pais na fase fálica do desenvolvimento sexual e, por isso, com resultados distintos em cada sujeito. Freud atribui a sexualidade infantil uma masculinidade inicial que deve ser ou não superada ao desenvolver do complexo de Édipo, ao contrário de Stoller, que sugere uma feminilidade a ser superada, devido à proximidade no período inicial de vida entre a mãe e a criança. Apesar disso, Freud deixa claro que não existe um sujeito com características puramente masculinas ou femininas, devido a condição bissexual do ser humano. Já Stoller credita a identidade de gênero a um aprendizado cultural, voltando o seu desenvolvimento para uma ideia social daquilo que seria ser homem ou ser mulher.

Considerando as contribuições dos autores sobre a transexualidade e sua origem, nota-se a impossibilidade de enquadrar o transexual em uma única estrutura psíquica. É necessário considerar a história individual de cada sujeito, que irá resultar em processos inconscientes e maneiras singulares de lidar com a angústia de castração. Sobre as demandas de alteração corporal, os autores destacam a necessidade de alteração na genitália enquanto maneira inconsciente de lidar com o complexo de castração, como forma de tentar no real realizar uma castração que não foi efetivada no simbólico, ou ainda como uma tentativa de lidar com uma angústia que é presente não apenas no transexual, mas em qualquer sujeito que é estruturado a partir da falta.

Existe assim, uma contribuição teórica de base psicanalítica para o entendimento do sujeito transexual, fato que mostra uma atualização da teoria que está em constante construção de conhecimento teórico, principalmente com base na análise clínica, como o fez Freud.

REFERÊNCIAS

- CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualidades e mudanças discursivas. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 47, p. 83-89, jul. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2019.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Psicanálise, sexo e gênero. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 48, p. 135-145, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2019.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Transexualismo e Identidade Sexuada. **Temas da Clínica Psicanalítica**, São Paulo, Experimento, 137-147, 1998.

COSSI, Rafael Kalaf. **Transexualismo, Psicanálise e Gênero: do Patológico ao Singular**. 2010.148 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COSSI, Rafael Kalaf. Stoller e a psicanálise: da identidade de gênero ao semblante lacaniano. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 49, p. 31-43, jul. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 set. 2019.

DOR, Joël. **Estrutura e perversões**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

ELIAS, Valeria de Araujo. **A Proibição Obsessiva e a Demanda Transexual Como Resposta ao Mal Estar na Cultura**. In: “III Congresso Internacional de Psicopatologia fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. 2008.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 06 (1905)**. São Paulo: Cia das Letras, 2016

FREUD, Sigmund. A Vida Sexual Humana. In: **Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 13 (1916-1917)**. São Paulo: Cia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. Algumas Consequências Psíquicas das Diferenças Anatômicas Entre os Sexos (1925). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. São Paulo: Autêntica, 2018

FREUD, Sigmund. A Organização Genital Infantil (1923). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. São Paulo: Autentica, 2018

FREUD, Sigmund. Sobre a Sexualidade Feminina (1931). In: **Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, Sexualidade, Feminilidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2018

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ICD 11 - International Classification of Diseases. 2019. Disponível em <<https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http://id.who.int/icd/entity/90875286>>. Acesso em 26 de Outubro de 2019

JORGE, M. A. C; TRAVASSOS, N. P. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KOSOVSKI, Giselle Falbo. Lacan e o transexual de Stoller. **Trivium**, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, p. 133-142, dez. 2016 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912016000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 20 set. 2019.

LACAN, J. (1971/2009). **O seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

LATTANZIO, F.; RIBEIRO, P. Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista. **Psicologia USP**, v. 28, n. 1, p. 72-82, 1 abr. 2017.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, Dec. 2008. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso>. access

on 20 Sept. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.

POLI, Maria Cristina. **Feminino/masculino**: A Diferença Sexual em Psicanálise. 2007. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SAFOUAN, Moustapha. Contribución al psicoanálisis del transexualismo. In: **Estudios Sobre El Édipo**: Introducción a una teoría del sujeto. Mexico. Siglo Ventiuno, 1977. 77-99.

TRANSGENDER EUROPE. **30 de Março de 2016**: Nota de Imprensa, Dia Internacional da Visibilidade Trans. Disponível em <<https://tgeu.org/transgender-day-of-visibility-2016-trans-murder-monitoring-update/>> Acesso em 26 de Outubro de 2019.

YOSHIDA, Luzia Aparecida Martins et al. Transexualismo: uma visão psicanalítica. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 92-112 Junho 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142001000200092&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de outubro de 2019.